O PORTO INDUSTRIAL DEVE SER TRANSFERIDO DO TEJO PARA A RIA DE AVEIRO

SOB a mesma epígrafe que rigorosamente transcrevemos e em conclusão do tema «Plano Director de Lisboa», o conhecido vespertino da capital Diário Ilustrado *autentica com o seu prestígio uma notícia certamente grata a todos os aveirenses e que, por isso, com a devida vénia, textualmente a seguir reproduzimos do seu número de 26 do corrente.*

A comissão do Plano Director da Região de Lisboa é presidida pelo sr. eng. Sá e Melo, director-geral dos Serviços de Urbanização do Ministério das Obras Públicas, e conta 62 vogais, efectivos e suplentes, entre os quais figuram representantes de diversos departamentos do Estado e das Câmaras Municipais dos concelhos interessados, designadamente os de Cascais, Oeiras, Sintra, Mafra, Loures, Vila Franca de Xira, Almada, Barreiro e Seixal.

A posse da comissão foi em 4 de Janeiro de 1960. A sua missão pode definir-se, assim, em resumo:

— Estudar o solo e o seu melhor aproveitamento.

● Um inquérito à região

Com esse estudo, deseja-se o aproveitamento integral. Estudam-se quais são os pontos mais indicados para a habitação, para a fixação de indústrias e para a exploração agrícola. Fez-se um inquérito circunstanciado e, sobre ele, prepara-se o plano em si.

O Plano estará concluido, como já dissemos, em 1963. Este prazo de três anos é relativamente breve em relação a outros planos semelhantes elaborados no estrangeiro. Os estudos do plano de Liège, por exemplo, estavam preparados em 1948 e o plano só foi publicado e

Continua na página 5

Aveiro, 30 de Setembro de 1961 ★ Ano VII ★ N.º 362

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 25886 — AVEIRO

Hora de Inverno

Na madrugada de amanhã, domingo, começa a vigorar a chamada HORA DE INVERNO, atrasando-se os relógios 60 minutos — sistema que se manterá até o primeiro domingo do mês de Abril do próximo ano

assuntos dos jornais & assuntos locais

ARTIGO DO DR. ALBERTO SOUTO

CONTINUEMOS a versar alguns assuntos locais. Hoje tratamos da *panorâmica desarticulada* do novo Matadouro Municipal.

Quatro mil contos do muito legalmente deliberado empréstimo de dez mil contos, para o qual a Câmara de Aveiro, em Setembro de 1960, pediu a indispensável autorização do sr. Ministro das Finanças, autorização cuja edificante trajectória através do Governo Civil já os leitores conhecem do artigo anterior, destinavam-se à construção do novo matadouro.

Destinavam-se e destinam-se, porque a Câmara de Aveiro, seja quem for que constitua a sua Vereação e seja quem for o seu Presidente, não pode dispensar o empréstimo pedido no ano passado, porque não pode deixar de fazer nem pode protelar os melhoramentos projectados a que esse empréstimo se destina.

A prova é que, depois de toda a intriga subterrânea e desacreditante, de que se lançou mão para o impedir, com manifesto prejuízo da cidade, o mesmo empréstimo de 10 000 contos, e para as mesmíssimas aplicações, foi incluido no Plano de Actividades e nas Bases do Orçamento para 1962 há poucos dias apro-

Continua na página 3

Dois inéditos sobre a cientista aveirense JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES

ARTIGO DO DR. ANTÓNIO CHRISTO

O saudoso professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Doutor Joaquim de Carvalho publicou, em 1952, uma contribuição preciosa para o epistolário do insigne aveirense João Jacinto de Magalhães — o português da segunda metade do século XVIII que alcançou maior renome, espalhado por todo o Mundo, no desenvolvimento e aplicação das Ciências exactas.

Intitulou o seu trabalho *Correspondência científica dirigida a João Jacinto de Magalhães* e referiu-se nele a uma carta de 16 de Outubro de 1787 que o ilustre aveirense escreveu a seu primo José de Magalhães de Castel-Branco, em resposta a outra dele recebida, anunciando que a publicaria num estudo que preparava sobre *Aveiro burgo e Aveiro sítio do globo observados por um astrónomo francês em 1753.*

O eminente catedrático tinha toda a documentação fundamental para este estudo e chegou a iniciá-lo, redigindo algumas páginas; mas não lhe foi possível, infelizmente, concluí-lo.

Em 1 de Maio de 1957, quis distinguir-me colocando à minha disposição as cópias daquelas preciosas cartas, ambas inéditas, cujos originais se guardam na Biblioteca Bodleiana, de Oxford.

Tive relutância em aceitá-las; mas o ilustre mestre coimbrão, reiterando o seu amabilíssimo oferecimento, persistiu em confiar-mas e exortou-me a que as publicasse, levando a sua gentileza ao extremo de confessar que teria muito gosto em reproduzi-las no seu trabalho com as minhas anotações.

As cartas são, na realidade, curiosíssimas e fornecem algumas achegas sobre Aveiro e sobre os bens que o famoso e desafortunado cientista possuia na sua terra natal. A de João Jacinto de Magalhães, em resposta à do seu enfatuadíssimo primo, revela-nos ainda uma faceta pouco conhecida do seu aprimorado espírito: é admirável de simplicidade e ironia.

Não sei quando me será possível anotá-las como importa; mas não quero retardar por mais tempo, em homenagem à

Continua na página 3

GOLO! — Foi o grito que saiu de vinte mil bocas e ecoou, no último domingo, pelo Estádio de Mário Duarte. Mas não, desta vez: ao fortíssimo disparo do avançado beiramarense respondeu uma parada magistral do porteiro nortenho — gáudio dos portuenses a compensá-los do calafrio, desapontamento dos locais a arrefecer-lhes o momentâneo entusiasmo... Constante emoção por noventa minutos, que se escoaram tão lentamente como uma eternidade de tortura pelos nervos eriçados de visitantes e de anfitriões, foi a regra que soberanamente dominou a moldura humana do rectângulo do jogo — compacta, colorida, presa toda ela ao estranho fascínio duma bola cheia de ar que mil vezes rodopia como escrava-doida da vontade e da arte e do poder dos atletas.

Sejam, porém, os homens, às vezes, tão doidos como essa bola cheia de ar; sejam os homens, por vezez, tão escravos dessa bola escrava do poder e da arte e da vontade dos atletas — já que o homem apenas parece ser assisado e livre quando, como os meninos, reduz as suas rivalidades a lutas incruentas cujo escopo se cifra em qualquer infantil inutilidade, tal a de ver um esférico de ar comprimido transpor balizas de mera convenção.

E pois que Aveiro, desde o último domingo, se alçapremou em palco de grandes prélios pela disputa de uma pequena bola; e pois que as multidões começam agora a afluir a Aveiro para ver a bola correr no Estádio de Mário Duarte, abençoada seja a bola!... até mesmo quando, direita como flecha às redes adversárias, se deixa deter, como a gravura nos mostra, pelas mãos ágeis do seu guardião. Desde que tal não aconteça muitas vezes, claro...

Foto de J. FERNANDES

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

Arrematação

1.ª Publicação

No dia 24 de Agosto próximo, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro, na acção especial para divisão de coisa comum, que corre seus termos pela 2.ª Secção do 2.º Juízo da mesma Comarca, que Manuel de Jesus Rocha, de Ouca, de Vagos, move contra Manuel Alves Júnior e mulher, Felicidade Nunes da Rocha Fazendeiro, proprietários, ele residente na Rua Maranguapé, trinta e oito, na cidade do Rio de Janeiro (Brasil) e ela residente no mesmo lugar de Ouca, será posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor indicado, o seguinte imóvel pertencente em comum ao autor e réus: —

Prédio a arrematar

Um terreno que foi de pinhal e que ainda hoje é em parte, sito nas Covas do Forno, limite do lugar de Ouca, freguesia de Sosa, do Julgado Municipal de Vagos. Vai à praça no valor de QUATRO MIL ESCUDOS. *A sisa fica a cargo do arrematante, por inteiro, ficando o mesmo arrematante sem direito aos pinheiros existentes no mesmo prédio. — Sobre metade do terreno incide o usufruto vitalício a favor de Luísa de Jesus, viúva de José Nunes da Rocha de Ouca.*

Aveiro, 31 de Julho de 1961.

O Chefe da 2.ª Secção,

Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Francisco Xavier de Morais Sarmento

Litoral • Aveiro, 30-VIII-1961 • N.º 362

PRÉDIO

Novo, de 1.º andar, vende-se, com 9 divisões e sala para estabelecimento. Caso urgente. Falar com o próprio, Carlos Moreira-**Verdemilho**

Cachorros de pura raça

SERRA DA ESTRELA

MANTEIGAS

Belos exemplares, os melhores para guarda de gado e quintas. Fornece, a preços baratos

JAIME LEITÃO

TELEFONE 47144

— MANTEIGAS —

AVISO AO PÚBLICO

LOPES DE PENAFIEL avisa os seus estimados clientes, de que a partir do dia 7 de Outubro, vai proceder à liquidação de todos os artigos na casa que abriu falência na Rua Direita, em Ilhavo.

Todos os artigos que constam de Tecidos, Fazendas, Malhas, Camisaria, etc., etc., serão vendidos com grandes descontos, e, como tal, todos devem aproveitar a ocasião única.

Vá a Ílhavo à grande liquidação, porque quem fôr primeiro escolherá melhor

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Secretaria de Estado da Indústria

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Artur Mesquita, Engenheiro-Chefe da Delegação no Porto da Direcção Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a Companhia Portuguesa de Petróleos «BP»-SARL pretende obter licença para ampliar com mais um depósito subterrâneo, com a capacidade total aproximada de 10 000 litros, a sua instalação de armazenagem de gasolina e gasóleo, sita na Av. do Dr. Loureço Peixinho, freguesia de Vera Cruz, concelho e distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1/10/38, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio e derrames, são, por isso, e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Delegação, sita na Rua do Padre Cruz, 62, no Porto.

Porto, 6 de Setembro de 1961

O Engenheiro-Chefe da Delegação,

Artur Mesquita

Empregado de Escritório

Com prática de Contas Correntes. Precisa-se na **GARAGEM CENTRAL — AVEIRO**

Tipografia «A Lusitânia»

Rua de Homem Cristo — AVEIRO

Arrastão Costeiro

«Madalena Sobral» - Setúbal, vende-se cota. Barco a pescar. Construção nova, 1960. Facilidades de pagamento.

Falar a A. B. M., Rua de João Mendonça, 12 - AVEIRO

EMPREGADO

Para escritório, oferece-se, tendo a frequência do 5.º ano do Comércio.

Nesta Redacção se informa.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Secretaria do Estado da Indústria

DIRECÇÃO GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

ARTUR MESQUITA, Engenheiro-Chefe da Delegação no Porto da Direcção Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a Mobil Oil Portuguesa, S. A. R. L., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasolina e gasóleo, constituída por cinco tanques, com a capacidade total aproximada de 35 000 litros, sita na Rua do Clube dos Galitos, freguesia da Glória, concelho e distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1-10-38, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, do 9-5-47, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio e derrames, são, por isso, e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Delegação, sita na Rua do Padre Cruz, 62, no Porto.

Porto, 6 de Setembro de 1961

O Engenheiro-Chefe da Delegação,

Artur Mesquita

O automóvel chamado

SUCESSO

O carro que pela sua economia de consumo melhor se ajusta à época presente

SALÃO
Preço total 46.463$70

UTILITÁRIA
Preço total 48.500$00

FURGONETA
Preço total 42.500$00

PICK-UP COM CAIXA METÁLICA
Preço Total 41.900$00

A. M. ALMEIDA, LDA.

Lisboa — Av. da Liberdade, 11-11-A • Porto — Rua de Sá da Bandeira, 501 • Agentes em todo o país

Agentes para o Distrito de Aveiro

E. C. VOUGA, L.DA

Rua do Conselheiro Luís de Magalhães, 15

Telefones 23011/2 AVEIRO

Aviário e Pateira da Quinta de São Romão

Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 354

Telefone 22792 — *AVEIRO*

Grande movimento em pintos e patinhos do dia para todo o País e Ultramar ★ Ovos e frangas de várias raças ★ Híbridos de grande rendimento ★ Envia-se catálogo com preçário, a pedido

Assuntos dos Jornais e Assuntos Locais

Continuação da primeira página

vado pelo Conselho Municipal.

E tanto assim é, que o sr. Governador Civil, Dr. Jaime Ferreira da Silva, e o sr. Presidente da Câmara, Engenheiro Mascarenhas, como foi noticiado, andaram há tempo, em Lisboa a ver se desempatavam algumas coisas municipais por lá empatadas, como a das carreiras dos autocarros para as aldeias e *a do empréstimo de 10 000 contos para vários melhoramentos do Concelho.*

Na verdade, a construção do novo Matadouro, cuja preparação técnica e administrativa ficou pràticamente ultimada sob a minha presidência, é uma das obras que não pode demorar-se.

Por isso a obra se estudou, delineou e projectou completamente e de uma forma decisiva, com a devida antecipação entre 1957 e 1960, pondo-se em tudo o que lhe dizia respeito, o maior afinco e o mais ardente empenho.

Quando, em 1958, me disseram que o projecto de um matadouro como o de que Aveiro carece levaria dois anos, pelo menos, a fazer o percurso das estações oficiais e dos seus pareceres, eu apertei as mãos na cabeça. Seria lá possível, tal demora?! Era verdade, como se viu, mas, apesar disso, andou-se para a frente, escolheu-se o local, comprou-se e pagou-se o terreno, contratou-se um técnico competente e abalizado para o projecto que teve, primeiro, um ante-projecto submetido às estâncias superiores, e venceram-se as maiores dificuldades da longa e difícil preparação.

A última aprovação superior do projecto definitivo apresentado pela Câmara estava de há muito assegurada; e, se ainda não chegou a Aveiro, não deve ter demora, porque não há *restingas inamovíveis* no seu caminho técnico e regulamentar.

Depois é só abrir o concurso e começar a obra, de que o terreno e os munícipes estão à espera.

Mas indispensável e tão fundamental como o projecto e os alicerces, é o dinheiro do empréstimo, porque sem ele, que corresponde a uma antecipação de receitas, nem com a contribuição da Celulose e com a percentagem da Lota se poderá construir esse matadouro amplo e moderno que é, indubitàvelmente, uma das mais urgentes necessidades do Concelho.

E' que o matadouro actual chegou à última.

Não é só pela falta de espaço, que já há cinquenta anos era diminuto, e pela sua elementar aparelhagem, mas é porque o seu ambiente se tem tornado de verdadeira asquerosidade com os excrementos e a salga dos coiros em péssimas condições de recolha e resguardo e com os rebotalhos e as porcarias inerentes a flutuarem no canal que passa rente, cujas águas, depois das matanças e lavagens, se tornam repugnantemente engorduradas e sanguinolentas.

O edifício, pela sua vestutez e mau aspecto, já atingiu a categoria de pardieiro e está simplesmente ignóbil, não havendo jactos de água nem zelo e boa-vontade de quem o dirige e fiscaliza capazes de vencer a desconcertante miséria da instalação e da falta de apetrechamento.

Chegou à última!

Algumas aldeias do concelho estão melhor servidas, com respeito ao serviço de abate de gado para o consumo público, com os seus pequenos matadouros particulares, superiores, em condições higiénicas, ao matadouro da cidade que não passa de uma autêntica vergonha para todos nós.

Esta obra é inadiável.

Prejudicá-la ou demorá-la por qualquer desleixo, por qualquer política ou sob que pretexto fosse, seria um verdadeiro crime contra a higiene e o asseio da alimentação pública e mesmo contra o decoro colectivo de uma cidade que tem grandes responsabilidades, por ser a capital de um importante e muito evoluído Distrito.

* *

E foi por tudo isto que a Câmara da minha presidência, logo em 1957, se resolveu a cortar o nó górdio do problema que há muitos anos se arrastava pelas sendas da falta de recursos financeiros.

Na verdade, o assunto vinha a ser tratado já de muito longe, sem poder ser resolvido. Era, de há muito, um assunto premente da administração municipal. Por isso a ideia não constitui minha glória, mas a sua realização é que era de meu dever.

Lourenço Peixinho muitas vezes se referia a este problema, mas as receitas da Câmara eram no seu tempo manifestamente insuficientes e de verdadeira penúria. A Lourenço Peixinho, sucedeu o sr. Dr. Francisco Soares. Em 1943, dizia o sr. Dr. Francisco Soares no seu *Relatório da Gerência do Município:*

«Já se disse ao falar das receitas municipais que o Matadouro está em ruina e não tem o Município qualquer casa que possa, provisòriamente embora, ser destinada a substituí-lo enquanto se espera a construção de um novo edifício.

Desde há muito que pedimos à Direcção dos Serviços Pecuários para nos devolver o projecto que foi para aprovar, para o modificarmos segundo as indicações que nos foram fornecidos por aquela entidade. Ainda não recebemos.

Pensou-se ùltimamente numa modalidade que não deixaria de nos interessar: a construção de um «Matadouro Regional», para servir várias Câmaras da região.

A construção de um Matadouro para Aveiro é urgente.»

Isto dizia, com todo o acerto, o digno e sacrificado Presidente da Câmara que foi em 1943 o sr. Dr. Francisco Soares.

Por seu turno, o sr. Dr. Álvaro Sampaio também abordou várias vezes o problema durante os 13 anos da sua presidência, mas teve de limitar-se às boas palavras e boas intenções nas páginas dos seus relatórios, porque não pôde meter mãos à obra pela falta de meios financeiros e por outras dificuldades, apesar da tal *linha ática* (!!!) que no seu ciclo administrativo descobriu o sr. Governador Civil, em contraposição à linha, certamente *desática,* dos ciclos anterior e posterior, que foram os ciclos de Lourenço Peixinho, do Dr. Francisco Soares e, recentemente, o da minha modesta e muito invejada presidência, (isto só falando na história do Município depois do 28 de Maio, porque, antes dessa data, o Município de Aveiro parece que não tinha história, segundo a visão do célebre discurso do sr. Governador Civil...).

Caso que é, no relatório da Gerência de 1945, ou seja,

Continua na página 5

Uma perspectiva do novo Matadouro de Aveiro, a construir nas arribas da Boa-Vista, em Verdemilho

Dois inéditos sobre João Jacinto de Magalhães

Continuação da primeira página

memória do eminente professor, a publicação que generosamente me confiou.

Começarei pela carta de José de Magalhães de Castel-Branco, cujo conhecimento se torna indispensável para a apreciação da deliciosa resposta que mereceu.

Este José de Azevedo de Castel-Branco era o segundo filho de João de Azevedo de Castel-Branco — Juiz dos Direitos Reais de Coimbra e Corregedor de Viseu e de Alfama — e de sua mulher D. Joana Luísa da Silveira. Teve três irmãos: Carlos, o mais velho, e D. Maria e D. Clara, que morreram donzelas. O Carlos, falecido em 1778, recebeu à hora da morte uma mulher que dizia deixar-lhe uma filha e que andou em demanda com o cunhado para ficar com o vínculo da casa; mas a rapariga morreu e o senhorio passou para o afortunado José (Cf. Luís da Gama, *Geneologias,* pág. 74).

Cavaleiro da Ordem de Christo, José de Magalhães de Castel-Branco foi Juiz de Fora da Certã e Juiz dos Direitos reais de Coimbra *(Ibid.),* Ouvidor de Linhares e Provedor da Guarda, como ele próprio informa, e, por carta de 15 de Outubro de 1782, Corregedor de Aveiro (T. T., *Chancelaria de D. Maria I,* liv. 17, fl. 285 v.), onde viveu durante alguns anos.

Estes breves esclarecimentos ajudarão a compreender melhor a sua carta, que transcreverei desdobrando as abreviaturas, actualizando a ortografia e emprestando-lhe a pontuação conveniente:

«Ill.^mo Snr. Dom João Jacinto de Magalhães, meu estimadíssimo Primo, Amigo e Senhor do meu coração:

O afecto com que eu sempre respeitei V. S.ª, com que a minha casa lhe deveu, fez que eu não perdesse jamais de vista a gostosa esperança de o ver neste Reino para me congratular na sua presença, novamente lhe tributar os meus fiéis respeitos e lhe oferecer tudo quanto possuo, posso e valho. Hoje, porém, que me seguram do seu estabelecimento em Londres, e a satisfação com que V. S.ª vive nesse País, segundo o que não será fácil que volte à Pátria, me delibero ir por este modo a seus pés renovar os meus votos, render-lhe nesta distância a minha constante obediência e segurar-lhe o desvanecimento que tenho quando ouço proferir o seu Nome e a estimação que dele se pôs em todas as Cortes da Europa pelos seus grandes talentos e raras qualidades.

O perfeito conhecimento que eu tenho do muito que V. S.ª me estimava e das fortunas que me desejava, faz que eu lhe participe hoje os Azares e as Sortes que por mim têm passado desde a última vez que a minha casa desta cidade recebeu a honra de hospedar V. S.ª.

Penso que já então eram as minhas Irmãs falecidas; depois sofreu minha Mãe o mesmo golpe, no ano de 1768; o mesmo aconteceu a meu Irmão passados dez anos; e, no de 1779, pagou meu Pai igual tributo, ficando eu o resto da família e em suma perturbação.

Já nesse tempo tinha eu servido dois lugares de Letras, quais eram Juiz de fora da Certã e Ouvidor de Linhares, dos Estados da Sereníssima Casa do Infantado administrada pelo Sr. Rei Dom Pedro, de gloriosa memória, que pelos serviços que lhe havia feito naqueles lugares se dignou prestar-me a sua alta protecção, a fim de que a Rainha, Nossa Senhora, me despachasse Provedor da Guarda e, seis meses antes de acabar este lugar, para Corregedor de Aveiro com o medicamento de primeiro banco.

Quando passei da Guarda para Lisboa a fim de me encartar na carreira sobredita, tendo notícia de um casamento de bastantes vantagens, intentei, e com efeito consegui, casar-me com a Snr.ª D. Teresa Marcelina Ursula Pereira de Carvalho e Faria, filha do Sr. Desembargador Ventura Luís Pereira de Carvalho e da Ex.^ma Snr.ª D. Paula Jerónima Caetana de Faria, que era filha do Sr. Xavier de Faria, Marechal e Sevadeiro-mor da Casa Real.

É minha mulher Senhora de um coração apartado um pouco do comum das mais Senhoras da Corte; ela tem uma sólida e bem conhecida virtude; é de um claro juízo e tem uma grande instrução, com a qual faz brilhar as suas conversações, que igualmente atraem pela docilidade e candura do seu génio; é herdeira de uma casa que constitue o fundo de bons 80.000 cruzados em bens vinculados em dois morgados, dos quais administramos o melhor proveniente de seu defunto Pai e administraremos o outro pela morte de sua Mãe, que ainda vive para nosso gosto.

Em Lisboa mesmo me recebi na capela das casas de minha mulher, sendo o Ex.^mo Bispo de Aveiro, que lá se achava, quem ministrou este sacramento. Logo depois passei àquela cidade com minha mulher, onde descobri que sendo muito o dote com que casei, ele é coisa insignificante em comparação da fortuna que tenho com a sua companhia e com o ternissimo e virtuoso afecto com que nos amamos».

Interrompo a transcrição, pois a carta é bastante extensa; mas desde já previno que o melhor dela está para vir.

A identificação das pessoas mencionadas na parte aqui reproduzida, não tendo para os aveirenses interesse de maior, não oferece, por outro lado, quaisquer dificuldades. Precisarei apenas que o «Ex.^mo Bispo de Aveiro» que pontificou no faustoso casamento, foi o primeiro prelado da antiga Diocese, D. António Freire Gameiro de Sousa, que exerceu o magistério na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, teve a dignidade de Deão na Sé de Lamego e veio a falecer em Aveiro no dia 3 de Novembro de 1799 (Cf. *Sínodo Diocesano de Aveiro,* pág. XXVI).

Espero poder continuar em próximo número.

António Christo

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	A L A
6.ª feira	M. CALADO

Posse do novo Comandante dos «Bombeiros Velhos»

No salão nobre da sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro realizou-se, no último sábado, o acto de posse do novo Comandante daquela benemérita e prestigiosa corporação, sr. Carlos Alberto Soares Machado, aveirense muito

estimado pelas suas qualidades de carácter, dinamismo e inteligência.

À cerimónia da posse esteve presente o sr. Alberto Casimiro da Silva, Vice-presidente da Assembleia Geral daquela instituição, que era ladeado, na mesa da presidência, pelos srs. Capitão Firmino da Silva, Carlos Alberto Machado, Raul de Sá Seixas e Severiano Pereira. O corpo activo, sob o comando do 2.º Comandante, sr. Gonçalo Piuto, prestava a guarda de honra, assistindo também numerosas pessoas das relações do empossado e ainda sócios daquela instituição.

Depois do auto de posse ter sido lido e assinado, o sr. Capitão Firmino da Silva, Presidente da Direcção dos «Bombeiros Velhos», pronunciou um discurso de saudação, agradecendo, depois, o sr. Carlos Alberto Machado, que prometeu a melhor colaboração em prol do engrandecimento da benemérita corporação, para a qual entrara voluntária e gostosamente.

Finda a cerimónia e depois de muito cumprimentado, o novo Comandante dos «Bombeiros Velhos» passou revista ao corpo activo, formado numa das dependências da sede, após o que foi apresentado aos seus subordinados, que cumprimentou um a um.

Comparticipação para os Serviços Municipalizados

Foi concedida aos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Aveiro a comparticipação de 584 700$00 para a execução dos trabalhos de ramais subterrâneos de alta tensão e postos de seccionamento e transformação, incluindo as respectivas ligações, em cabo subterrâneo, à rede de baixa tensão existente na nossa cidade.

Semana Nacional do Ensino Religioso

De acordo com as «Bases da Catequese Elementar em Portugal» vai realizar-se, em todo o País, de 1 a 8 de Outubro, a Semana Nacional do Ensino Religioso.

Esta iniciativa, que deve ser realizada e vivida nos planos nacional, diocesano e paroquial, tem por finalidade chamar a atenção dos *pais* e outros educadores para as graves responsabilidades da educação religiosa da infância e da juventude; dos *católicos* em geral para a imperiosa obrigação de, por todos os meios ao seu alcance, colaborarem com a Igreja nesta cruzada; e das próprias crianças e da juventude para uma mais assídua e proveitosa frequência do ensino religioso, tanto elementar como médio.

Como de costume, colaboram nesta campanha além da Imprensa, a Rádio e a T. V. — através de programas especiais que podem diàriamente ser ouvidos em Rádio Renascença, pelas 20,50 horas; e em Rádio Clube Português, pelas 21,15 horas (dias 1, 5, 7 e 8) e pelas 21,30 (dias 2, 3, 4 e 6).

Pela Mocidade Portuguesa

Reunião de Dirigentes

Nos dias 23, 24 e 25 do corrente, reuniram-se, em Lisboa, os Delegados Distritais e Chefes de Serviços da Mocidade Portuguesa, para estudo das directivas para 1961/62. A sessão de encerramento presidiu o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, sr. Dr. Carlos de Soveral.

Assistiram aos trabalhos o Delegado Distrital da M. P. de Aveiro, sr. Dr. Fernando Marques e o Chefe dos Serviços de Instrução Geral, sr. prof. José Hernâni Moreira da Silva.

Para conhecimento do plano de actividades para o próximo ano lectivo, reunem em Aveiro, no dia 5 de Outubro, os Subdelegados Regionais, Director e Delegados Escolares Primários, e os Directores de todos os Centros Escolares e Extra-Escolares da M. P. do Distrito de Aveiro.

Cursos de Francês do Conservatório Regional

Como o LITORAL tem referido, vão funcionar nesta cidade, por iniciativa do Conservatório Regional de Aveiro, os diversos cursos de francês do Instituto Francês do Porto.

Pedem-nos que avisemos todos os interessados de que as pessoas que se inscreveram nos aludidos cursos deverão efectuar urgentemente as respectivas matrículas, a fim de serem designadas as datas dos exames e do início das aulas.

Abertura das Aulas no Liceu

Na próxima segunda-feira, dia 2 de Outubro, iniciam-se, no Liceu Nacional de Aveiro, os trabalhos escolares do ano lectivo de 1961-1962, realizando-se, pelas 15 horas, no ginásio daquele estabelecimento de ensino, a habitual sessão de abertura, a que devem comparecer todos os alunos.

De acordo com o que foi superiormente determinado, a aludida sessão será, este ano, «uma simples explanação das normas a seguir durante o ano», feita pelo Reitor do Liceu. No final, haverá a distribuição dos prémios escolares referentes ao último ano lectivo.

Faleceram

D. Maria da Assunção Graça Sousa

Com avançada idade, faleceu, no passado dia 1, a sr.ª D. Maria da Assunção Graça Sousa. A bondosa senhora era mãe dos industriais srs. A'lvaro e Francisco da Graça Soares de Sousa, sogra das sr.as D. Elvira Andrade de Carvalho Sousa, e D. Alda Brandão Quadros Corte-Real, e avó do sr. A'lvaro Corte Real e Sousa.

Epifânio Rodrigues Limas

No pretérito dia 20, e com 84 anos de idade, faleceu o sr. Epifânio Rodrigues Limas, que deixou viúva a sr.ª D. Maria de Lourdes Ramos Limas e era cunhado das sr.as D. Rosa Ramos Guimarães, D. Laurinda Ramos, e prof.ª D. Isabel Farto Ramos, e dos srs. Henrique, João e José Ramos, Jeremias Moreira e Manuel José da Costa Guimarães.

José Maia de Albuquerque

No próximo lugar de Oiã, faleceu, na terça-feira, dia 26, o sr. José Maia de Albuquerque. O saudoso extinto, que contava 52 anos de idade, deixou viúva a sr. D. Adelaide de Almeida Peixinho professora do Liceu da Guarda; e era irmão do sr. prof. Acúrcio Maia de Albuquerque, e tio do sr. Eng.º Celso Bernardo de Albuquerque, dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Aveiro.

Ás famílias enlutadas, os pêsames do LITORAL

AGRADECIMENTO

A família de Joana Rodrigues Moreira vem, por este meio, agradecer a quantos a acompanharam na sua dor, particularmente a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

Aveiro, 19 de Setembro de 1961

O Preço do Sal

Que mais será necessário dizer, por nossa parte, para mostrar a *flagrante injustiça* de que têm sido e continuam a ser vítimas os produtores salineiros de Aveiro — e, com eles, os da Figueira da Foz?

Chamámos já a esclarecida atenção do sr. Secretário de Estado do Comércio para a *evidentíssima desactualização* do preço fixado em 1953, de 200$00 por tonelada, e para a *manifesta exiguidade* do aumento concedido no ano passado, de 40$00 por tonelada — que, aliás, não foi logo por inteiro!

Fizemo-nos já eco do *justificado descontentamento* que lavra entre os produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz, e muito especialmente entre os marnotos, e pedimos insistentemente a quem de direito que ponderasse as consequências lamentáveis que tal descontentamento pode originar.

Permitimo-nos solicitar ao sr. Secretário de Estado do Comércio a honra de uma visita aos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz para que, *em contacto com os interessados* e sem possibilidade de erradas informações ou de deploráveis equívocos, pudesse aperceber-se daquela *injustiça* e *daquele descontentamento*, por forma a remediá-los com prontidão e equidade.

Sobemos que, há poucos dias, estiveram em Aveiro dois agentes da fiscalização da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, os quais, *fatalmente,* hão-de ter verificado a exactidão de tudo o que nestas colunas se tem escrito sobre o assunto.

Não obstante, o sal continua a escoar-se antes de actualizado o seu preço *com escrupulosa justiça.*

Porquê?

Será que os nossos apelos e os dos produtores salineiros não chegam ao conhecimento do ilustre Secretário de Estado do Comércio?

Certos de que o Governo está tão empenhado como nós em fazer a todos *inteira justiça,* uma vez mais pedimos ao sr. Secretário de Estado do Comércio, cujas altas qualidades temos o prazer de reafirmar, que não demore a fazer aos produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz a *justiça* que merecem.

São portugueses — e dos melhores! — e parece-nos que não será favor dar-lhes o que justamente lhes pertence!

Continuamos a confiar no sr. Secretário de Estado do Comércio, a quem reiteramos os protestos da nossa elevada consideração.

CINEMAS

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 30 — O famoso Eddie Constantine, ao lado de Nadia Gray e Dominique Wilms, na película **O Eterno Feminino.** Sessão, para maiores de 17 anos, às 21 30 horas.

Domingo, 1 de Outubro — Clark Gable, Sophia Loren e Vittorio de Sica em **Começou em Nápoles.** Sessões, para maiores de 17 anos, às 15.30 e às 21.30 horas.

Terça-feira, 2 — Stuart Withman, May Britt, Henry Morgan e Peter Falk no filme **O Sindicato do Crime.** Sessão, para maiores de 17 anos, às 21.30 horas.

Teatro Aveirense

Sábado, 30 — As películas: **Jogando com a Sorte,** com Errol Flym, Rossana Rory, Gia Scalla e Pedro Armendariz; e **Aqui só Cabem os Bravos,** com Keith Andes e Susan Cabot. Sessão, para maiores de 17 anos, às 21 30 horas.

Domingo, 1 de Outubro — Um filme com Anselmo Duarte, Maria Mahor e Julio San Juan, «Grande Prémio de Interpretação do Festival Internacional do Cinema Infantil de Veneza»: **Um Raio de Luz.** Sessões, para maiores de 6 anos, às 15.30 horas, e para maiores de 12 anos, às 21.30 horas.

Quinta-feira, 4 — Edgar Buchanan e Rian Garrick no filme **Passos em Falso.** Sessão, para maiores de 17 anos, às 21 30 horas.

Quinta-feira, 5 — Kenneth More e Dana Winter em **Afundem o Bismark**. Sessão, para maiores de 12 anos às 21 30 horas.

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje — As srs.as D. Zulmira Miranda Casimiro, esposa do sr. Alberto Casimiro Ferreira da Silva, e Dr.ª D. Maria do Amparo da Silva Carvalho, esposa do sr. Dr. Emídio Artur de Campos Fernandes (Sarrica); o sr. Augusto Vieira Decrook, ausente em Luanda; a menina Maria do Carmo, filha do sr. José Portugal; e o menino Alfredo José Basto Simões, sobrinho do sr. Antúnio Pinto Bastos.

Amanhã — As srs.as prof. D. Maria Claudette da Silva, D. Arminda Ferreira Martins, esposa do sr. Luís de Melo Alvim, e D. Maria Odete Praça de Almeida Cruz, esposa do sr. Mário João Pinto da Cruz; o sr. Dr. Manuel Simões Julião; e o menino Júlio Rocha Guerra, filho do sr. Aurélio Guerra.

Em 2 de Outubro — As srs.as D. Maria José Gamelas, esposa do sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes; e D. Camila Adelaide Monteiro Baptista Mexia de Matos; os srs. D. Duarte Francisco de Lemos Manoel (Atalaia), Sílvio de Sousa Moreira, Francisco Limas e Manes Nogueira Júnior; e as meninas Maria de Fátima Dias Rodrigues Leitão, filha do nosso colaborador Dr. Humberto Leitão, Maria Teresa Figueiredo de Resende Feio, filha do 2.º Sargento sr. José de Resende Feio, e Maria Teresa de Oliveira Pinto, filha do sr. José da Cruz Pinto.

Em 3 — As srs.as D. Elisette Aleluia de Oliveira, esposa do sr. Dr. João Lapa de Oliveira, D. Estela Fernandes Vieira esposa do sr. Manuel Pimenta Vieira, e D. Conceição Abrunhosa Teles Miranda, esposa do sr. Manuel Montera Miranda; o sr. Manuel Duarte; e a universitária Ana Paula Martins Ramalheira, filha do sr. Dr. Paulo Ramalheira.

Em 4 — As sr.as D. Laura Dias de Almeida, esposa do sr. Baptista Moreira; e D. Maria do Rosário Ferreira Martins, esposa do sr. António Lopes dos Santos; o sr. Manuel Joaquim Pinto, Oficial da Marinha Mercante; e a menina Maria de Fátima Jerónimo Marques, filha de sr. Manuel da Fonseca Marques.

Em 5 — As sr.as D. Maria José Marques da Silva Magano, esposa do sr. Prof. Doutor Fernando Magano, D. Virgínia Nogueira Santana, esposa do sr. Capitão Joaquim José Santana, D. Etelvina da Costa Ferreira, esposa do sr. Dr. Justino Ferreira, D. Maria Ermelinda Couceiro Valente, esposa do sr. Dr. Acácio Valente, D. Elisa da Silva Reis, esposa do sr. António Gonçalves Pinho Vinagre, e D. Maria Virgínia Trindade Graça; e o sr. Alberto de Sousa Machado Ferreira Neves, médico no Hospital Militar de Luanda.

Em 6 — As sr.as D. Eduarda Pereira Osório e D. Elisa Amélia Taborda e Silva; os srs. João Duarte Silva Pereira Peixinho e Luís Augusto de Almeida Neves; e as meninas Zenaida Maria, filha do sr. Rui Villas, e Susana Maria Salvador Fernandes, filha do sr. Capitão João António Ferreira Fernandes.

CASAMENTO

No dia 21, na igreja matriz de Valongo, realizaram o seu casamento a sr.ª Dr.ª D. Maria Luísa Alves Ventura e o sr. Dr. Rogério Leitão, médicos no Porto.

Presidiu à cerimónia Mons. Moreira das Neves, primo da noiva, tendo servido de padrinhos: pela noiva, seus pais, sr.ª D. Maria Oliveira Antunes Ventura e sr. Dr. Luís António Ventura; e, pelo noivo, a sr.ª D. Isolina Dias Rodrigues Leitão e seu pai, o distinto clínico aveirense e nosso colaborador Dr. Humberto Leitão.

Ao novo lar deseja o Litoral as maiores felicidades

PARA O ULTRAMAR

Acompanhado de seu filhinho, partiu de avião, na quarta-feira, para Moçambique, onde vai prestar serviço, o nosso conterrâneo sr. Capitão Augusto Soares Pinheiro; a quem desejamos as maiores felicidades.

VIDA ESCOLAR

Concluiu recentemente o sétimo ano do Liceu, obtendo elevada classificação de 15 valores e alcançando dispensa do exame de aptidão à Universidade, o estudante João Manuel da Graça Paula, filho de sr. João da Graça Paula.

Os nossos parabéns

Assuntos dos Jornais e Assuntos Locais

Conclusão da terceira página

há 16 anos, disse o sr. Dr. Álvaro Sampaio sobre o assunto:

«Todos conhecem o estado de ruína em que se encontra o actual edifício do Matadouro, agravado no ano findo pelo desabamento de mais uma parede. No orçamento para o ano económico corrente está incluida a verba de 20 000$00, que será mais tarde reforçada, para as grandes reparações do edifício, enquanto não houver possibilidade de construir um novo Matadouro.

Não tenho descurado este assunto, embora anteveja algumas dificuldades difíceis de remover.»

E reproduzia um ofício dirigido ao sr. Director Geral dos Serviços Pecuários em que se lia o seguinte:

«Pessoalmente tive ocasião de expor a V. Ex.ª o estado absolutamente precário das instalações do actual Matadouro e as dúvidas que se me ofereciam quanto à vantagem de uma reparação de emergência, prevista brevemente, do actual edifício.

V. Ex.ª, com cativante amabilidade, expôs-me o curso que o assunto do plano geral dos matadouros estava a seguir e informou-me de que seriam necessários cerca de 4 000 contos para a construção de um Matadouro Municipal em Aveiro.

Por mais de uma vez o assunto da construção do Matadouro Municipal tem sido ventilado em sessões camarárias, mas sempre se tem esbarrado no óbice do elevado custo da construção.

Todavia, no plano quadrienal elaborado pela Câmara da minha presidência, e enviado, em Outubro findo, à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização com sede nessa cidade, está prevista, para o ano de 1947, a construção de um Matadouro Municipal (ou Regional), na importância de 4000 contos.

Evidentemente que a Câmara, pelo que atrás ficou exposto, não pode abalançar-se, mesmo com comparticipação do Estado, a uma obra de tamanho vulto sem recorrer a um empréstimo a esse fim destinado e sem prever com aquela segurança que é condição de êxito, a satisfação do encargo que desse empréstimo resultará.»

E no mesmo ofício, que tem a data de *24 de Novembro de 1945*, falou o sr. Dr. Sampaio no «*estado caótico do matadouro actual*» e concluia que sem ser permitida uma taxa adicional ou a elevação da taxa de utilização, não parecia possível à Câmara, nos anos mais próximos, a construção de um novo Matadouro.

Em 1951, voltava ao assunto o sr. Dr. Álvaro Sampaio, nos seguintes termos:

«Dadas as dificuldades do recurso ao crédito, indispensável à execução da obra de melhoramentos de vulto como é a do Matadouro, há que dilatar esta e outras realizações para melhores dias e aguardar que as reservas da Caixa Geral dos Depósitos sejam de molde a poderem satisfazer as necessidades financeiras dos municípios.»

E, no Relatório de 1956, falando novamente do Matadouro «*para o qual se compraram várias cordas e se consertaram outras*», afirmava o sr. Dr. Álvaro Sampaio, terminantemente:

«Retomou-se a iniciativa da construção de um Matadouro Municipal.»

Retomou-se a iniciativa, mas a obra gorou-se, infelizmente.

No desejado sentido, porém, foi enviado à Direcção Geral dos Serviços Pecuários, com sede em Lisboa, um ofício com os seguintes dizeres:

«Desde 1945 que a construção de um Matadouro tem preocupado as atenções da Câmara da minha presidência. Há vária correspondência trocada entre este Município e essa Direcção Geral sobre o assunto, mas as exigências do programa — construção de um Matadouro que pudesse abastecer outras zonas — levou-nos a deixar amadurecer a ideia para lhe procurar melhor solução. O apetrechamento do Matadouro com maquinismos caros e o volume da construção, etc., conjugados com o decréscimo de gado abatido, assustou-nos de maneira que pusemos o assunto de lado. Gastar 4000 ou 5000 contos num Matadouro cujo rendimento não seria compensador levou-nos a aguardar melhor oportunidade e a esperar que se fixassem directrizes mais conformes com as realidades objectivas.»

E, depois de transcrever a resposta da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, através da 4.ª Repartição, o sr. Dr. Sampaio rematou assim, no final da sua fecunda carreira de Presidente:

«Resta agora dar começo a esta iniciativa e levá-la por diante».

E com isto fechou a referência no seu Relatório ao problema do Matadouro, problema grave e difícil que legou ao sucessor que eu tive a honra de ser, em 12 de Maio de 1957, dia em que, na cerimónia da minha posse, fazendo o elogio do meu antecessor que estava presente, assegurei a continuidade da sua obra.

Foi, pois, com muita honra e decisão que lhe peguei na palavra sobre o Matadouro, dando começo à iniciativa e levando-a por diante . . . até ao ponto em que a *panorâmica*, de que nos fala tão *helènicamente* o sr. Governador Civil, se *desarticulou* toda nas suas mãos e não com as minhas *arrojadas concepções*, porque esta concepção do Matadouro, por exemplo, era, afinal, uma concepção de todos os que tinham passado pela Presidência da Câmara nos últimos 50 anos!

* * *

E' certo que ao ser tiroteado pelos políticos do *complot* de Ovar, e ao ser traiçoeiramente derrubado, eu tive de deixar inacabadas algumas obras que por aí se têm andado agora a acabar e algumas iniciativas que não podem deixar de ser continuadas.

Mas o que é certo e não pode sofrer desmentido é que no importantíssimo e urgentíssimo caso do Matadouro, as vereações da minha presidência cumpriram resoluta e oportunamente o seu dever e eu, executando as suas deliberações, deixei o problema resolvido, faltando, apenas, os necessários 4 000 contos do empréstimo de 10 000 que a Câmara solicitou em Setembro de 1960 e cujo processo, como os leitores já sabem, o sr. Governador Civil, procedendo ilegal e arbitràriamente, e com manifesto prejuizo para a cidade, reteve na sua gaveta, quando o devia fazer subir imediatamente e por ele se mostrar interessado no Ministério das Finanças.

* * *

Havia muito mais que dizer sobre o projectado Matadouro. Mas, por agora, entendi que, para o público, basta o conhecimento do estudo do problema, que é momentoso e significativo, e a cabal demonstração de que esse problema vinha de longe e não era produto de nenhuma fantasia minha ou de quem quer que fosse, e se fosse produto de fantasia minha, teria eu muita honra nisso.

Acompanhado pelo técnico especialista a quem se confiou o projecto, escolhi o terreno para a implantação do importante novo estabelecimento e esse terreno e essa localização foram aprovadas pela Vereação e por toda a técnica oficial, incluindo o próprio sr. Ministro das Obras Públicas com quem nunca houve discordâncias de fundo, em tudo quanto de proveitoso e bom se planeou para a cidade, durante a minha presidência. Bem pelo contrário, nesse ilustre homem público encontrei sempre um apoio digno da maior gratidão.

O terreno escolhido para o Matadouro no — pequeno planalto de lavradio que nas ladeiras de Verdemilho, sobre a Estrada Nacional 109 que passa em Ílhavo, no sítio da Boa-Vista, encontra-se, do lado do Sul entre dois vales, e pertenceu, em tempo, à quinta do Morgado de S. Silvestre — foi considerado òptimo, pela sua localização, desafogo, facilidade de comunicações, exposição e isolamento.

O autor do projecto sr. Brigadeiro-engenheiro Filipe Caravana, classificou-o, mesmo, como um dos melhores, se não o melhor de todos os terrenos dos novos matadouros do País.

Em contrapartida o matadouro actual foi pelo mesmo autorizado técnico classificado como o segundo pior de Portugal.

* * *

Quero acrescentar esta nota interessante para a faceta política do caso, pois, pelo que se descortina nos nevoeiros da *panorâmica*, até nos matadouros há política, como, segundo o discurso do sr. Governador Civil, as próprias Pitonisas de Delfos tinham política nos seus oráculos.

Visto eu ter considerado sempre este melhoramento um dos mais importantes a efectuar pela Câmara de Aveiro com o imprescindível auxílio do Estado, no dia 29 de Agosto de 1960, em plena sinceridade e em ingénua boa-fé, convidei o sr. Governador Civil, Dr. Jaime Ferreira da Silva, a assistir, no salão nobre dos Paços do Concelho, à recepção do projecto definitivo do novo Matadouro, trabalho que comportava uns poucos de volumes.

O sr. Governador Civil compareceu, viu as plantas, os alçados, os cortes, os gráficos e os desenhos, ouviu as explicações do autor, admirou tudo, felicitou a Câmara, felicitou-me a mim, elogiou o sr. Brigadeiro-engenheiro Filipe Caravana e declarou-se muito satisfeito por assistir a um acto de tanto alcance para o Município.

Trinta dias decorridos, fazia ao pedido do empréstimo absolutamente necessário a esta e a outras obras e despesas extraordinárias da Câmara o que nós já sabemos, e, de aí a nove meses, sem pensar na linha e nas responsabilidades do seu cargo, chamava a tudo aquilo e a mais alguma coisa de sincero, de respeitável e de sério — num discurso público de acto solene, no próprio Governo Civil — *uma panorâmica desarticulada, inacabada e imprecisa!*

* * *

Falaremos, a seguir, de alguns assuntos concernentes à projectada abertura de novos arruamentos na cidade e da empatada compra de terrenos necessários à urbanização, há mais de um ano apalavrados para tal fim.

Alberto Souto

O Porto Industrial deve ser transferido do Tejo para a Ria de Aveiro

Continuação da primeira página

posto em execução dez anos mais tarde: em 1958.

O Porto teve a primazia

Ao contrário do que possa pensar-se, o Plano Director da Região de Lisboa não foi uma inovação em Portugal.

Para o Porto foi elaborado um primeiro Plano Director, de 1947 a 1950.

Mais tarde, procedeu-se à sua ampliação, pois não incluia a zona têxtil, que tem, como é sabido, preponderável importância na vida económica e social portuense.

O terceiro plano será o de Aveiro

Interrogado, a propósito, sobre se depois do plano de Lisboa haverá outros, o eng. Sá e Melo respondeu:

— Temos uma certeza. Essa é de que serão elaborados outros planos regionais.

O terceiro plano, depois dos de Lisboa e do Porto, será o de Aveiro, abrangendo toda a zona marginal, que vai da Figueira da Foz a Espinho.

A razão por que se escolheu Aveiro foi devido ao facto de ter aquela cidade todos as características para ser o grande porto industrial do País.

Com esse objectivo será elaborado o respectivo Plano Director — ou Plano Regional de Urbanização.

Instituto Superior de Urbanismo

Foi a propósito da elaboração dos planos directores de várias regiões que o ministro das Obras Públicas, eng. Arantes e Oliveira, pediu a criação do Instituto Superior de Urbanismo, cuja acção eficiente se torna cada vez mais necessária e mesmo indispensável ao desenvolvimento do País.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	A L A
6.ª feira	M. CALADO

Posse do novo Comandante dos «Bombeiros Velhos»

No salão nobre da sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro realizou-se, no último sábado, o acto de posse do novo Comandante daquela benemérita e prestigiosa corporação, sr. Carlos Alberto Soares Machado, aveirense muito

estimado pelas suas qualidades de carácter, dinamismo e inteligência.

À cerimónia da posse esteve presente o sr. Alberto Casimiro da Silva, Vice-presidente da Assembleia Geral daquela instituição, que era ladeado, na mesa da presidência, pelos srs. Capitão Firmino da Silva, Carlos Alberto Machado, Raul de Sá Seixas e Severiano Pereira. O corpo activo, sob o comando do 2.º Comandante, sr. Gonçalo Piuto, prestava a guarda de honra, assistindo também numerosas pessoas das relações do empossado e ainda sócios daquela instituição.

Depois do auto de posse ter sido lido e assinado, o sr. Capitão Firmino da Silva, Presidente da Direcção dos «Bombeiros Velhos», pronunciou um discurso de saudação, agradecendo, depois, o sr. Carlos Alberto Machado, que prometeu a melhor colaboração em prol do engrandecimento da benemérita corporação, para a qual entrara voluntária e gostosamente.

Finda a cerimónia e depois de muito cumprimentado, o novo Comandante dos «Bombeiros Velhos» passou revista ao corpo activo, formado numa das dependências da sede, após o que foi apresentado aos seus subordinados, que cumprimentou um a um.

Comparticipação para os Serviços Municipalizados

Foi concedida aos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Aveiro a comparticipação de 584 700$00 para a execução dos trabalhos de ramais subterrâneos de alta tensão e postos de seccionamento e transformação, incluindo as respectivas ligações, em cabo subterrâneo, à rede de baixa tensão existente na nossa cidade.

Semana Nacional do Ensino Religioso

De acordo com as «Bases da Catequese Elementar em Portugal» vai realizar-se, em todo o País, de 1 a 8 de Outubro, a Semana Nacional do Ensino Religioso.

Esta iniciativa, que deve ser realizada e vivida nos planos nacional, diocesano e paroquial, tem por finalidade chamar a atenção dos *pais* e outros educadores para as graves responsabilidades da educação religiosa da infância e da juventude; dos *católicos* em geral para a imperiosa obrigação de, por todos os meios ao seu alcance, colaborarem com a Igreja nesta cruzada; e das próprias crianças e da juventude para uma mais assídua e proveitosa frequência do ensino religioso, tanto elementar como médio.

Como de costume, colaboram nesta campanha além da Imprensa, a Rádio e a T. V. — através de programas especiais que podem diàriamente ser ouvidos em Rádio Renascença, pelas 20,50 horas; e em Rádio Clube Português, pelas 21,15 horas (dias 1, 5, 7 e 8) e pelas 21,30 (dias 2, 3, 4 e 6).

Pela Mocidade Portuguesa

Reunião de Dirigentes

Nos dias 23, 24 e 25 do corrente, reuniram-se, em Lisboa, os Delegados Distritais e Chefes de Serviços da Mocidade Portuguesa, para estudo das directivas para 1961/62. A sessão de encerramento presidiu o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, sr. Dr. Carlos de Soveral.

Assistiram aos trabalhos o Delegado Distrital da M. P. de Aveiro, sr. Dr. Fernando Marques e o Chefe dos Serviços de Instrução Geral, sr. prof. José Hernâni Moreira da Silva.

Para conhecimento do plano de actividades para o próximo ano lectivo, reunem em Aveiro, no dia 5 de Outubro, os Subdelegados Regionais, Director e Delegados Escolares Primários, e os Directores de todos os Centros Escolares e Extra-Escolares da M. P. do Distrito de Aveiro.

Cursos de Francês do Conservatório Regional

Como o LITORAL tem referido, vão funcionar nesta cidade, por iniciativa do Conservatório Regional de Aveiro, os diversos cursos de francês do Instituto Francês do Porto.

Pedem-nos que avisemos todos os interessados de que as pessoas que se inscreveram nos aludidos cursos deverão efectuar urgentemente as respectivas matrículas, a fim de serem designadas as datas dos exames e do início das aulas.

Abertura das Aulas no Liceu

Na próxima segunda-feira, dia 2 de Outubro, iniciam-se, no Liceu Nacional de Aveiro, os trabalhos escolares do ano lectivo de 1961-1962, realizando-se, pelas 15 horas, no ginásio daquele estabelecimento de ensino, a habitual sessão de abertura, a que devem comparecer todos os alunos.

De acordo com o que foi superiormente determinado, a aludida sessão será, este ano, «uma simples explanação das normas a seguir durante o ano», feita pelo Reitor do Liceu. No final, haverá a distribuição dos prémios escolares referentes ao último ano lectivo.

Faleceram

D. Maria da Assunção Graça Sousa

Com avançada idade, faleceu, no passado dia 1, a sr.ª D. Maria da Assunção Graça Sousa. A bondosa senhora era mãe dos industriais srs. A'lvaro e Francisco da Graça Soares de Sousa, sogra das sr.as D. Elvira Andrade de Carvalho Sousa, e D. Alda Brandão Quadros Corte-Real, e avó do sr. A'lvaro Corte Real e Sousa.

Epifânio Rodrigues Limas

No pretérito dia 20, e com 84 anos de idade, faleceu o sr. Epifânio Rodrigues Limas, que deixou viúva a sr.ª D. Maria de Lourdes Ramos Limas e era cunhado das sr.as D. Rosa Ramos Guimarães, D. Laurinda Ramos, e prof.ª D. Isabel Farto Ramos, e dos srs. Henrique, João e José Ramos, Jeremias Moreira e Manuel José da Costa Guimarães.

José Maia de Albuquerque

No próximo lugar de Oiã, faleceu, na terça-feira, dia 26, o sr. José Maia de Albuquerque. O saudoso extinto, que contava 52 anos de idade, deixou viúva a sr. D. Adelaide de Almeida Peixinho professora do Liceu da Guarda; e era irmão do sr. prof. Acúrcio Maia de Albuquerque, e tio do sr. Eng.º Celso Bernardo de Albuquerque, dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Aveiro.

Ás famílias enlutadas, os pêsames do LITORAL

AGRADECIMENTO

A família de Joana Rodrigues Moreira vem, por este meio, agradecer a quantos a acompanharam na sua dor, particularmente a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

Aveiro, 19 de Setembro de 1961

O Preço do Sal

Que mais será necessário dizer, por nossa parte, para mostrar a *flagrante injustiça* de que têm sido e continuam a ser vítimas os produtores salineiros de Aveiro — e, com eles, os da Figueira da Foz?

Chamámos já a esclarecida atenção do sr. Secretário de Estado do Comércio para a *evidentíssima desactualização* do preço fixado em 1953, de 200$00 por tonelada, e para a *manifesta exiguidade* do aumento concedido no ano passado, de 40$00 por tonelada — que, aliás, não foi logo por inteiro!

Fizemo-nos já eco do *justificado descontentamento* que lavra entre os produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz, e muito especialmente entre os marnotos, e pedimos insistentemente a quem de direito que ponderasse as consequências lamentáveis que tal descontentamento pode originar.

Permitimo-nos solicitar ao sr. Secretário de Estado do Comércio a honra de uma visita aos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz para que, *em contacto com os interessados* e sem possibilidade de erradas informações ou de deploráveis equívocos, pudesse aperceber-se daquela *injustiça* e *daquele descontentamento*, por forma a remediá-los com prontidão e equidade.

Sobemos que, há poucos dias, estiveram em Aveiro dois agentes da fiscalização da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, os quais, *fatalmente*, hão-de ter verificado a exactidão de tudo o que nestas colunas se tem escrito sobre o assunto.

Não obstante, o sal continua a escoar-se antes de actualizado o seu preço *com escrupulosa justiça*.

Porquê?

Será que os nossos apelos e os dos produtores salineiros não chegam ao conhecimento do ilustre Secretário de Estado do Comércio?

Certos de que o Governo está tão empenhado como nós em fazer a todos *inteira justiça*, uma vez mais pedimos ao sr. Secretário de Estado do Comércio, cujas altas qualidades temos o prazer de reafirmar, que não demore a fazer aos produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz a *justiça* que merecem.

São portugueses — e dos melhores! — e parece-nos que não será favor dar-lhes o que justamente lhes pertence!

Continuamos a confiar no sr. Secretário de Estado do Comércio, a quem reiteramos os protestos da nossa elevada consideração.

CINEMAS

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 30 — O famoso Eddie Constantine, ao lado de Nadia Gray e Dominique Wilms, na película **O Eterno Feminino.** Sessão, para maiores de 17 anos, às 21 30 horas.

Domingo, 1 de Outubro — Clark Gable, Sophia Loren e Vittorio de Sica em **Começou em Nápoles.** Sessões, para maiores de 17 anos, às 15.30 e às 21.30 horas.

Terça-feira, 2 — Stuart Withman, May Britt, Henry Morgan e Peter Falk no filme **O Sindicato do Crime.** Sessão, para maiores de 17 anos, às 21.30 horas.

Teatro Aveirense

Sábado, 30 — As películas: **Jogando com a Sorte,** com Errol Flym, Rossana Rory, Gia Scalla e Pedro Armendariz; e **Aqui só Cabem os Bravos,** com Keith Andes e Susan Cabot. Sessão, para maiores de 17 anos, às 21 30 horas.

Domingo, 1 de Outubro — Um filme com Anselmo Duarte, Maria Mahor e Julio San Juan, «Grande Prémio de Interpretação do Festival Internacional do Cinema Infantil de Veneza»: **Um Raio de Luz.** Sessões, para maiores de 6 anos, às 15.30 horas, e para maiores de 12 anos, às 21.30 horas.

Quinta-feira, 4 — Edgar Buchanan e Rian Garrick no filme **Passos em Falso.** Sessão, para maiores de 17 anos, às 21 30 horas.

Quinta-feira, 5 — Kenneth More e Dana Winter em **Afundem o Bismark**. Sessão, para maiores de 12 anos às 21 30 horas.

cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje — As srs.as D. Zulmira Miranda Casimiro, esposa do sr. Alberto Casimiro Ferreira da Silva, e Dr.ª D. Maria do Amparo da Silva Carvalho, esposa do sr. Dr. Emídio Artur de Campos Fernandes (Sarrica); o sr. Augusto Vieira Decrook, ausente em Luanda; a menina Maria do Carmo, filha do sr. José Portugal; e o menino Alfredo José Basto Simões, sobrinho do sr. Antúnio Pinto Bastos.

Amanhã — As srs.as prof. D. Maria Claudette da Silva, D. Arminda Ferreira Martins, esposa do sr. Luís de Melo Alvim, e D. Maria Odete Praça de Almeida Cruz, esposa do sr. Mário João Pinto da Cruz; o sr. Dr. Manuel Simões Julião; e o menino Júlio Rocha Guerra, filho do sr. Aurélio Guerra.

Em 2 de Outubro — As srs.as D. Maria José Gamelas, esposa do sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes; e D. Camila Adelaide Monteiro Baptista Mexia de Matos; os srs. D. Duarte Francisco de Lemos Manoel (Atalaia), Silvio de Sousa Moreira, Francisco Limas e Manes Nogueira Júnior; e as meninas Maria de Fátima Dias Rodrigues Leitão, filha do nosso colaborador Dr. Humberto Leitão, Maria Teresa Figueiredo de Resende Feio, filha do 2.º Sargento sr. José de Resende Feio, e Maria Teresa de Oliveira Pinto, filha do sr. José da Cruz Pinto.

Em 3 — As srs.as D. Elisette Aleluia de Oliveira, esposa do sr. Dr. João Lopo de Oliveira, D. Estela Fernandes Vieira esposa do sr. Manuel Pimenta Vieira, e D. Conceição Abrunhosa Teles Miranda, esposa do sr. Manuel Montera Miranda; o sr. Manuel Duarte; e a universitária Ana Paula Martins Ramalheira, filha do sr. Dr. Paulo Ramalheira.

Em 4 — As sr.as D. Laura Dias de Almeida, esposa do sr. Baptista Moreira; e D. Maria do Rosário Ferreira Martins, esposa do sr. António Lopes dos Santos; o sr. Manuel Joaquim Pinto, Oficial da Marinha Mercante; e a menina Maria de Fátima Jerónimo Marques, filha de sr. Manuel da Fonseca Marques.

Em 5 — As sr.as D. Maria José Marques da Silva Magano, esposa do sr. Prof. Doutor Fernando Magano, D. Virgínia Nogueira Santana, esposa do sr. Capitão Joaquim José Santana, D. Etelvina da Costa Ferreira, esposa do sr. Dr. Justino Ferreira, D. Maria Ermelinda Couceiro Valente, esposa do sr. Dr. Acácio Valente, D. Elisa da Silva Reis, esposa do sr. António Gonçalves Pinho Vinagre, e D. Maria Virgínia Trindade Graça; e o sr. Alberto de Sousa Machado Ferreira Neves, médico no Hospital Militar de Luanda.

Em 6 — As sr.as D. Eduarda Pereira Osório e D. Elisa Amélia Taborda e Silva; os srs. João Duarte Silva Pereira Peixinho e Luís Augusto de Almeida Neves; e as meninas Zenaida Maria, filha do sr. Rui Villas, e Susana Maria Salvador Fernandes, filha do sr. Capitão João António Ferreira Fernandes.

CASAMENTO

No dia 21, na igreja matriz de Valongo, realizaram o seu casamento a sr.ª Dr.ª D. Maria Luísa Alves Ventura e o sr. Dr. Rogério Leitão, médicos no Porto.

Presidiu à cerimónia Mons. Moreira das Neves, primo da noiva, tendo servido de padrinhos: pela noiva, seus pais, sr.ª D. Maria Oliveira Antunes Ventura e sr. Dr. Luís António Ventura; e, pelo noivo, a sr.ª D. Isolina Dias Rodrigues Leitão e seu pai, o distinto clínico aveirense e nosso colaborador Dr. Humberto Leitão.

Ao novo lar deseja o Litoral as maiores felicidades

PARA O ULTRAMAR

Acompanhado de seu filhinho, partiu de avião, na quarta-feira, para Moçambique, onde vai prestar serviço, o nosso conterrâneo sr. Capitão Augusto Soares Pinheiro; aquem desejamos as maiores felicidades.

VIDA ESCOLAR

Concluiu recentemente o sétimo ano do Liceu, obtendo elevada classificação de 15 valores e alcançando dispensa do exame de aptidão à Universidade, o estudante João Manuel da Graça Paula, filho de sr. João da Graça Paula.

Os nossos parabéns

Assuntos dos Jornais e Assuntos Locais

— *Conclusão da terceira página* —

há 16 anos, disse o sr. Dr. Álvaro Sampaio sobre o assunto:

«Todos conhecem o estado de ruína em que se encontra o actual edifício do Matadouro, agravado no ano findo pelo desabamento de mais uma parede. No orçamento para o ano económico corrente está incluída a verba de 20 000$00, que será mais tarde reforçada, para as grandes reparações do edifício, enquanto não houver possibilidade de construir um novo Matadouro.

Não tenho descurado este assunto, embora anteveja algumas dificuldades difíceis de remover.»

E reproduzia um ofício dirigido ao sr. Director Geral dos Serviços Pecuários em que se lia o seguinte:

«Pessoalmente tive ocasião de expor a V. Ex.ª o estado absolutamente precário das instalações do actual Matadouro e as dúvidas que se me ofereciam quanto à vantagem de uma reparação de emergência, prevista brevemente, do actual edifício.

V. Ex.ª, com cativante amabilidade, expôs-me o curso que o assunto do plano geral dos matadouros estava a seguir e informou-me de que seriam necessários cerca de 4 000 contos para a construção de um Matadouro Municipal em Aveiro.

Por mais de uma vez o assunto da construção do Matadouro Municipal tem sido ventilado em sessões camarárias, mas sempre se tem esbarrado no óbice do elevado custo da construção,

Todavia, no plano quadrienal elaborado pela Câmara da minha presidência, e enviado, em Outubro findo, à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização com sede nessa cidade, está prevista, para o ano de 1947, a construção de um Matadouro Municipal (ou Regional), na importância de 4000 contos.

Evidentemente que a Câmara, pelo que atrás ficou exposto, não pode abalançar-se, mesmo com comparticipação do Estado, a uma obra de tamanho vulto sem recorrer a um empréstimo a esse fim destinado e sem prever com aquela segurança que é condição de êxito, a satisfação do encargo que desse empréstimo resultará.»

E no mesmo ofício, que tem a data de *24 de Novembro de 1945*, falou o sr. Dr. Sampaio no «*estado caótico do matadouro actual*» e concluía que sem ser permitida uma taxa adicional ou a elevação da taxa de utilização, não parecia possível à Câmara, nos anos mais próximos, a construção de um novo Matadouro.

Em 1951, voltava ao assunto o sr. Dr. Álvaro Sampaio, nos seguintes termos:

«Dadas as dificuldades do recurso ao crédito, indispensável à execução da obra de melhoramentos de vulto como é a do Matadouro, há que dilatar esta e outras realizações para melhores dias e aguardar que as reservas da Caixa Geral dos Depósitos sejam de molde a poderem satisfazer as necessidades financeiras dos municípios.»

E, no Relatório de 1956, falando novamente do Matadouro «*para o qual se compraram várias cordas e se consertaram outras*», afirmava o sr. Dr. Álvaro Sampaio, terminantemente:

«Retomou-se a iniciativa da construção de um Matadouro Municipal.»

Retomou-se a iniciativa, mas a obra gorou-se, infelizmente.

No desejado sentido, porém, foi enviado à Direcção Geral dos Serviços Pecuários, com sede em Lisboa, um ofício com os seguintes dizeres:

«Desde 1945 que a construção de um Matadouro tem preocupado as atenções da Câmara da minha presidência. Há vária correspondência trocada entre este Município e essa Direcção Geral sobre o assunto, mas as exigências do programa — construção de um Matadouro que pudesse abastecer outras zonas — levou-nos a deixar amadurecer a ideia para lhe procurar melhor solução. O apetrechamento do Matadouro com maquinismos caros e o volume da construção etc., etc. conjugados com o decréscimo de gado abatido, assustou-nos de tal maneira que pusemos o assunto de lado. Gastar 4000 ou 5000 contos num Matadouro cujo rendimento não seria compensador levou-nos a aguardar melhor oportunidade e a esperar que se fixassem directrizes mais conformes com as realidades objectivas.»

E, depois de transcrever a resposta da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, através da 4.ª Repartição, o sr. Dr. Sampaio rematou assim, no final da sua fecunda carreira de Presidente:

«Resta agora dar começo a esta iniciativa e levá-la por diante».

E com isto fechou a referência no seu Relatório ao problema do Matadouro, problema grave e difícil que legou ao sucessor que eu tive a honra de ser, em 12 de Maio de 1957, dia em que, na cerimónia da minha posse, fazendo o elogio do meu antecessor que estava presente, assegurei a continuidade da sua obra.

Foi, pois, com muita honra e decisão que lhe peguei na palavra sobre o Matadouro, dando começo à iniciativa e levando-a por diante... até ao ponto em que a *panorâmica*, de que nos fala tão *helènicamente* o sr. Governador Civil, se *desarticulou* toda nas suas mãos e não com as minhas *arrojadas concepções*, porque esta concepção do Matadouro, por exemplo, era, afinal, uma concepção de todos os que tinham passado pela Presidência da Câmara nos últimos 50 anos!

* * *

E' certo que ao ser tiroteado pelos políticos do *complot* de Ovar, e ao ser traiçoeiramente derrubado, eu tive de deixar inacabadas algumas obras que por aí se têm andado agora a acabar e algumas iniciativas que não podem deixar de ser continuadas.

Mas o que é certo e não pode sofrer desmentido é que no importantíssimo e urgentíssimo caso do Matadouro, as vereações da minha presidência cumpriram resoluta e oportunamente o seu dever e eu, executando as suas deliberações, deixei o problema resolvido, faltando, apenas, os necessários 4 000 contos do empréstimo de 10 000 que a Câmara solicitou em Setembro de 1960 e cujo processo, como os leitores já sabem, o sr. Governador Civil, procedendo ilegal e arbitràriamente, e com manifesto prejuízo para a cidade, reteve na sua gaveta, quando o devia fazer subir imediatamente e por ele se mostrar interessado no Ministério das Finanças.

* * *

Havia muito mais que dizer sobre o projectado Matadouro. Mas, por agora, entendi que, para o público, basta o conhecimento do estudo do problema, que é momentoso e significativo, e a cabal demonstração de que esse problema vinha de longe e não era produto de nenhuma fantasia minha ou de quem quer que fosse, e se fosse produto de fantasia minha, teria eu muita honra nisso.

Acompanhado pelo técnico especialista a quem se confiou o projecto, escolhi o terreno para a implantação do importante novo estabelecimento e esse terreno e essa localização foram aprovadas pela Vereação e por toda a técnica oficial, incluindo o próprio sr. Ministro das Obras Públicas com quem nunca houve discordâncias de fundo, em tudo quanto de proveitoso e bom se planeou para a cidade, durante a minha presidência. Bem pelo contrário, nesse ilustre homem público encontrei sempre um apoio digno da maior gratidão.

O terreno escolhido para o Matadouro no — pequeno planalto de lavradio que nas ladeiras de Verdemilho, sobre a Estrada Nacional 109 que passa em Ílhavo, no sítio da Boa-Vista, encontra-se, do lado do Sul entre dois vales, e pertenceu, em tempo, à quinta do Morgado de S. Silvestre — foi considerado òptimo, pela sua localização, desafogo, facilidade de comunicações, exposição e isolamento.

O autor do projecto sr. Brigadeiro-engenheiro Filipe Caravana, classificou-o, mesmo, como um dos melhores, se não o melhor de todos os terrenos dos novos matadouros do País.

Em contrapartida o matadouro actual foi pelo mesmo autorizado técnico classificado como o segundo pior de Portugal.

* * *

Quero acrescentar esta nota interessante para a faceta política do caso, pois, pelo que se descortina nos nevoeiros da *panorâmica*, até nos matadouros há política, como, segundo o discurso do sr. Governador Civil, as próprias Pitonisas de Delfos tinham política nos seus oráculos.

Visto eu ter considerado sempre este melhoramento um dos mais importantes a efectuar pela Câmara de Aveiro com o imprescindível auxílio do Estado, no dia 29 de Agosto de 1960, em plena sinceridade e em ingénua boa-fé, convidei o sr. Governador Civil, Dr. Jaime Ferreira da Silva, a assistir, no salão nobre dos Paços do Concelho, à recepção do projecto definitivo do novo Matadouro, trabalho que comportava uns poucos de volumes.

O sr. Governador Civil compareceu, viu as plantas, os alçados, os cortes, os gráficos e os desenhos, ouviu as explicações do autor, admirou tudo, felicitou a Câmara, felicitou-me a mim, elogiou o sr. Brigadeiro-engenheiro Filipe Caravana e declarou-se muito satisfeito por assistir a um acto de tanto alcance para o Município.

Trinta dias decorridos, fazia ao pedido do empréstimo absolutamente necessário a esta e a outras obras e despesas extraordinárias da Câmara o que nós já sabemos, e, de aí a nove meses, sem pensar na linha e nas responsabilidades do seu cargo, chamava a tudo aquilo e a mais alguma coisa de sincero, de respeitável e de sério — num discurso público de acto solene, no próprio Governo Civil — *uma panorâmica desarticulada, inacabada e imprecisa!*

* * *

Falaremos, a seguir, de alguns assuntos concernentes à projectada abertura de novos arruamentos na cidade e da empatada compra de terrenos necessários à urbanização, há mais de um ano apalavrados para tal fim.

Alberto Souto

O Porto Industrial deve ser transferido do Tejo para a Ria de Aveiro

Continuação da primeira página

posto em execução dez anos mais tarde: em 1958.

O Porto teve a primazia

Ao contrário do que possa pensar-se, o Plano Director da Região de Lisboa não foi uma inovação em Portugal.

Para o Porto foi elaborado um primeiro Plano Director, de 1947 a 1950.

Mais tarde, procedeu-se à sua ampliação, pois não incluia a zona têxtil, que tem, como é sabido, preponderável importância na vida económica e social portuense.

O terceiro plano será o de Aveiro

Interrogado, a propósito, sobre se depois do plano de Lisboa haverá outros, o eng. Sá e Melo respondeu:

— Temos uma certeza. Essa é de que serão elaborados outros planos regionais.

O terceiro plano, depois dos de Lisboa e do Porto, será o de Aveiro, abrangendo toda a zona marginal, que vai da Figueira da Foz a Espinho.

A razão por que se escolheu Aveiro foi devido ao facto de ter aquela cidade todos as características para ser o grande porto industrial do País.

Com esse objectivo será elaborado o respectivo Plano Director — ou Plano Regional de Urbanização.

Instituto Superior de Urbanismo

Foi a propósito da elaboração dos planos directores de várias regiões que o ministro das Obras Públicas, eng. Arantes e Oliveira, pediu a criação do Instituto Superior de Urbanismo, cuja acção eficiente se torna cada vez mais necessária e mesmo indispensável ao desenvolvimento do País.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

Faz saber que no dia catorze do próximo mês de Outubro, pelas dez horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública dos prédios abaixo indicados pelo maior preço que lhes for oferecido acima do indicado.

BENS A PRACEAR

Casas, quintal e pertenças sita na Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por três mil quatrocentos e cinquenta e seis escudos.

Terra lavradia com poço de rega sita no Aido do Ruivo, limite de Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por três mil setecentos e trinta e um escudos e quarenta centavos.

Terreno a vinha na Bregeirinha, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por três mil quinhentos e setenta escudos e sessenta centavos.

Terrreno a pinhal no Vale Grande, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por duzentos e trinta e dois escudos e sessenta e cinco centavos.

Pinhal na Quinta da Macieira, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por cento e cinquenta e cinco escudos e dez centavos.

Terreno a pinhal na Cabeça Verde, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por cento e cinquenta e cinco escudos e dez centavos.

Terreno a vinha no Feral, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por setenta e nove escudos e vinte centavos.

Vinha e pinhal no Chão do Barro, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trezentos e trinta escudos.

Terreno a vinha sito na Chousinha Nova, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trezentos e trinta escudos.

Terreno a pousio na Manga, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por duzentos e setenta e sete escudos e quarenta centavos.

Terra lavradia no Moinho, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por novecentos e trinta escudos e sessenta centavos.

Terra a vinha na Guerra, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por setenta e nove escudos e vinte centavos.

Terreno a vinha e pinhal no lugar do Fontão, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trinta e nove escudos e sessenta centavos.

Casa de habitacão com quintal e todas as suas pertenças e servidões, sitas no lugar da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vão à praça por cinco mil e setenta e seis escucos.

Terreno a mato na Vala Grande, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por duzentos e trinta e dois escudos e sessenta cinco centavos.

Terreno a mato e oliveiras, nas Almas, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por cento e cinquenta e cinco escudos e dez centavos.

Terra lavradia nos Espogeiros, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por mil duzentos e quarenta escudos e oitenta centavos.

Terra lavradia no Chão do Meio, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trezentos e trinta escudos.

Uma vinha que foi pinhal, na Silveirinha ou Sobreirinha, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por setenta e nove escudos e vinte centavos.

Terreno a vinha no Vale, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por cento e cinquenta e cinco escudos e dez centavos.

Terreno a mato na Cova da Raposa, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trezentos e dez escudos e vinte centavos.

Terreno a mato chamado a Quinta, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por cento e quarenta e oito escudos e cinquenta centavos.

Terreno a mato no Cabecinho do Meio, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por cento e noventa e quatro escudos e setenta centavos.

Terreno a mato na Revolta, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por setenta e nove escudos e vinte centavos.

Terreno a mato na Cebola, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por duzentos e trinta e quatro escudos e trinta centavos.

Terreno a pinhal das Pedras, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por setenta e nove escudos e vinte centavos.

Vinha a mato no Fontão, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trezentos e trinta e quatro escudos e oitenta centavos.

Terreno a mato na Saibreira, na Quinta dos Clérigos ou Pedregal, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trinta e nove escudos e sessenta centavos.

Vinha no Lagarto, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, que vai à praça por trezentos e dez escudos e e vinte centavos.

Terreno a vinha na Chousinha Nova, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trezentos e setenta e seis escudos e trinta centavos.

Terra lavradia no Fenal, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por novecentos e trinta escudos e sessenta centavos.

Vinha e pinhal no Fenal, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por cento e cinquenta e cinco escudos e dez centavos.

Terra lavradia na Barroca, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por trezentos e oitenta e sete escudos e setenta e cinco centavos.

Terra lavradia no Feital, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por mil oitocentos e trinta e seis escudos.

Terra lavradia e pinhal no Espogeiro, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por quinhentos e vinte e quatro escudos e setenta centavos.

Terreno a pinhal na Quinta das Freiras, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por mil quatrocentos e setenta e um escudos e oitenta centavos.

Terreno a vinha no Vale do Regato, limite da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por duzentos e trinta e quatro escudos e trinta centavos.

Prédio de casas, quintal, aido e pertenças, sito no lugar da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, que vai à praça por cinco mil trezentos e quarenta escudos.

Todos estes bens se encontram penhorados nos autos de execução ordinária que o Banco Regional de Aveiro move contra Manuel da Rocha Novo e mulher, Rosa de Jesus, e Manuel da da Rocha Júnior e mulher, Rosalina de Jesus Ferreira, todos proprietários, residentes no lugar da Carregosa, freguesia de Sosa, concelho de Vagos, sendo os vinte primeiros prédios pertencentes aos executados Manuel da Rocha Júnior e os restantes ao executado Manuel da Rocha Novo, sendo os fiéis depositários dos mesmos prédios os referidos executados.

A sisa, a pagar por inteiro, será por conta dos arrematantes.

Aveiro, 30 de Junho de 1961

O Juiz de Direito

Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Chefe da Secção, interino

António José Robalo de Almeida

Litoral ★ Aveiro, 30-9-1961 ★ N.º 362

Continuações da última página

FUTEBOL

Beira-Mar — Porto

alindado Estádio de Mário Duarte — agora com ampliadas instalações para o público.

★

No meio-tempo inicial, e passados que foram os momentos de justificável nervosismo que os «caloiros» trouxeram das cabines, o prélio foi equilibrado.

Mas — e sempre pertenceram aos beiramarenses os melhores e mais frequentes momentos de golo à vista. O tento de avanço que os aveirenses obtiveram era, assim, um prémio justíssimo. E o que valeu aos portistas foi o Beira-Mar não ter, na área da verdade, homens com inspiração para finalizar os lances com mais decisão e oportunidade: com rematadores mais expeditos, os negro-amarelos teriam conseguido vantagem numérica mais confortável.

★

Na segunda parte, os portuenses surgiram mais ameaçadores, dominadores e velozes. Mas a verdade — verdade indesmentível — é que os locais continuaram a formar o onze mais incisivo e mais rematador, tanto antes como depois dos visitantes conseguirem o empate.

★

O resultado acabou por ter certa lógica, satisfazendo os dois grupos, que ambos encontraram no empate um forte sabor de vitória...

★

Nomes em evidência: Paulino foi o melhor jogador em campo; em mérito, no Beira-Mar, seguiram-se-lhe Evaristo, Valente, Liberal, Amândio e Diego — todos em nível de muito agrado, numa turma onde todos se esforçaram e bateram com inultrapassável brio e entusiasmo.

Américo foi o mais destacado elemento dos azuis-e-brancos e um dos jogadores que mais brilharam no encontro. Depois do *keeper*, actuaram com acerto Carlos Duarte, Hernâni, Ivan e Serafim. Juca, Teixeira e Noé creditaram-se de exibições sobre o fraco, cumprindo os restantes.

★

A arbitragem foi imparcial, mas muito irregular na aplicação da lei da vantagem.

Na Redacção

O voluntarioso futebolista António Jerónimo da Silva Laranjeira, que nas últimas temporadas representou o Beira-Mar e agora acaba de se transferir para o Sporting de Espinho, teve a gentileza, que agradecemos, de apresentar cumprimentos de despedida na Redacção do LITORAL, solicitando-nos, ao mesmo tempo, que significássemos à massa associativa do Beira-Mar os seus agradecimentos pelo acolhimento e pelos incentivos que sempre lhe dispensaram.

Jogo Particular
Na ERICEIRA, na quarta-feira,
Sporting, 2-Beira-Mar, 3

Na Ericeira, defrontaram-se, na pretérita quarta-feira, dia 27, o Sporting e o Beira-Mar, em desafio amistoso cuja receita reverteu para a Misericórdia daquela localidade.

As equipas — formadas com com elementos das categorias de honra e reservas de ambas as colectividades — alinharam deste modo:

Sporting — Rodrigues (Balacó); Castro (Óscar), Graça e Pedro Gomes; Ferreira Pinto e Casaca (Castro); Figueiredo, Serranito (Oliveira Duarte), Alexandre Baptista, Diego e José Manuel.

Beira-Mar — Violas; Lourenço, Evaristo e Girão; Jurado e Valente, Paulino, Ribeiro, Correia, Calisto e Chaves.

A partida foi entusiástica, alcançando os beiramarenses um êxito plenamente merecido sobre um conjunto mais rodado e experiente.

Os negro-amarelos chegaram ao intervalo com a margem de 2-0, em golos de CORREIA e CALISTO. Após o reatamento, CHAVES elevou para 3-0. Só então os «leões» de Lisboa marcaram, e de «penalty», por FERREIRA PINTO. Mais adiante, OLIVEIRA DUARTE reduziu reduziu os números, fixando a marca final.

O Beira-Mar conquistou a *Taça Ericeira*, posta em disputa pela Câmara Municipal daquela vila.

ATLÉTICO — BEIRA-MAR

quase geral de toda a crítica especializada. Não aconteceu assim realmente, conforme previamos. A defesa e meia defesa dos amarelo-negros chegaram mesmo a ser brilhantes, se não nos esquecermos de que nessa cansada equipa do F. C. do Porto habitam, na linha dianteira, dois dos melhores avançados portugueses (Carlos Duarte e Hernâni) ainda agora convocados para a representação nacional, e uma das maiores promessas do futebol português (Serafim).

Assim, podemos francamente confiar no valor da equipa e no brio dos seus atletas, que, certamente, saberão defender e prestigiar as cores do Clube, numa deslocação que antevemos dificultosa, mas nunca jornada antecipadamente perdida. Está mesmo dentro das possibilidades da equipa, se a defesa não avolumar erros, retirar da Tapada da Ajuda com um resultado que estrague muitos prognósticos!...

E. DIAS

REGISTO

DA II DIVISÃO NACIONAL

Lutamos, hoje, com grande falta de espaço — razão que determina a reduzida referência com que neste número se fala do Campeonato Nacional da II Divisão.

Sòmente registamos os resultados — Oliveirense, 1 - Braga, 2; Marinhense, 3 - Vianense, 1; Caldas, 1 - Torriense, 0; Vila Real, 2 - Peniche, 0; Cernache, 1 - Boavista, 2; Castelo Branco, 2 - Espinho, 0; e Feirense, 4 - Sanjoanense, 0 — e indicamos os jogos que o calendário marca para amanhã: Braga - Feirense, Vianense - Oliveirense, Torriense - Marinhense, Peniche - Caldas, Boavista - Vila Real, Espinho - Cernache e Sanjoanense - Castelo Branco.

das Provas Distritais

I DIVISÃO

Desfechos da quarta ronda — Ovarense, 2 - Lamas, 2; Cucujães, 2 - Recreio, 1; Cesarense, 0 - Estarreja, 1; Lusitânia, 6 - Esmoriz, 0; e Arrifanense, 7 - Vista-Alegre, 1.

Jogam amanhã — Esmoriz - Ovarense, Lamas - Cucujães, Recreio - Cesarense, Vista Alegre - Lusitânia e Estarreja - Arrifanense.

RESERVAS

Resultados dos jogos de domingo: Ovarense, 5 - Lamas, 0; Arrifanense, 1; Vista-Alegre, 1; Oliveirense, 7 - Alba, 1; Feirense, 1 - Sanjoanense, 0.

Amanhã defrontam-se: Lamas - Cucujães, Vista-Alegre-Lusitânia, Espniho-Feirense, Sanjoanense-Oliveirense e Alba-Beira-Mar.

GINÁSTICA NO SPORTING de AVEIRO

No dia 9 do próximo mês de Outubro, o Sporting Clube de Aveiro vai dar início às aulas do seu quarto ano de actividades ginásticas, em cujas classes podem inscrever-se rapazes e raparigas dos 4 aos 16 anos.

A orientar as diversas classes encontra-se, como nos anos anteriores, a prof.ª sr.ª D. Maria Helena Silva. Em substituição do prof. António José Castanho, agora colocado no Porto, será oportunamente indicado o nome do novo monitor da classe juvenil de rapazes.

FESTIVAL NÁUTICO DA RIA DE AVEIRO

culinas; e, também imprevisivelmente, no momento da largada, avariou-se o leme de um dos barcos tripulados pelas equipas femininas — circunstâncias que determinaram que ambas as corridas se disputassem sem competição.

● Logo após ao fecho do festival, procedeu-se à distribuição dos prémios — numerosos e valiosos, aqui referidos na semana finda.

Presidiram à cerimónia diversas entidades oficiais aveirenses, que constituíram o júri de honra da prova: Dr. Artur Alves Moreira, Vice-presidente da Câmara Municipal; Tenente Joaquim Luzio, representante do Capitão do Porto de Aveiro; Capitão António Joaquim Alves Moreira, Comandante da P. S. P.; e Carlos Ferreira Gomes Teixeira e Baltasar Vilarinho, Presidente e Vice-presidente da Direcção do Beira-Mar.

● A «Taça LITORAL» foi conquistada pelo Futebol Clube do Porto.

BARCOS de PAPEL

COMO ISTO ANDA!...

Agora, com a febre do «TOTOBOLA», toda a gente anda pior da cachola.

Desde o mais alto aristocrata, ao mais simples cidadão, a fazerem prognósticos da «bola», é pior do que um furacão o «TOTOBOLA».

A Santa Casa carregou na sensível mola desta santa geração, pois, de facto, o «TOTOBOLA» está fazendo um faiscão.

Joga o rico, o pobre e o remediado — e são uns ases nesta coisa da «bola» — e anda o povinho desnorteado — a jogar com fúria no «TOTOBOLA».

Até a gaiatagem da escola — não querendo saber da lição — vai jogar no «TOTOBOLA», que é a sua perdição.

Beba sempre «Camor» ou «Vitacola», os melhores refrigerantes: — e jogue no «TOTOBOLA», se quiser ficar rico nuns instantes.

O operário rasca e banal, que nas horas tristes toca viola — se andar roto, não faz mal — mas vai jogar no «TOTOBOLA».

O estudante que anda sempre teso, que é cábula e é carola — para ver se arranja mais peso — também joga no «TOTOBOLA».

Aquele melro ali da esquina, com a mulher que de vez em quando enfola, para se não abeirar da ruína — também joga no «TOTOBOLA».

Um tipo que anda a pedir esmola, porque agora anda sem trabalho — até este joga no «TOTOBOLA», para ver se arranja algum cascalho.

Anda por aí muito aldabrão, com categoria de mariola, — que não tendo nem um tostão — também joga no «TOTOBOLA».

E o simples engraxador, que limpa o sapato e suja a sola, pôs um fato no penhor para jogar no «TOTOBOLA».

Os bons e tristes aposentados, que são filhos da velha Escola — para não ficarem depenados — jogam também no «TOTOBOLA».

Ainda os polidores de calçada, para ver se aquilo cola — como nunca fizeram nada — jogam agora no «TOTOBOLA».

Por fim, o elemento feminil — e isto até nos consola — vai andando no barril e a jogar no «TOTOBOLA».

Não somos invejosos nem tontos, afinal, mas andamos desafinados da cartola: com 230 contos, aquele bichano de Vila Real! — por ter jogado no «TOTOBOLA»!...

E é assim que isto anda!... a desandar com a «bola». Mas como é ela quem manda — vou também jogar no «TOTOBOLA»!

António Miguel da Silva Neto

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

UM EMPATE COM SABOR DE VITÓRIA... PARA OS DOIS CONTENDORES

Beira-Mar, 1 — F. C. do Porto, 1

Árbitro — António Ferreira dos Santos. *Fiscais de linha* — António Lopes da Rosa (bancada) e A'lvaro Rodrigues (peão) todos da Comissão Distrital de Coimbra.

BEIRA-MAR — Bastos; Evaristo, Liberal e Moreira; Marçal e Valente; Paulino, Amândio, Diego, Azevedo e Chaves.

F. C. do PORTO — Américo; Virgílio, Miguel Arcanjo e Juca (ex-Académica); Ivan e Paula; Carlos Duarte, Hernâni, Noé, Teixeira e Serafim.

1.ª parte: 1-0—Golo de DIEGO, aos 42 m., com um remate indefensável, desferido na entrada da grande área. O dianteiro-centro dos aveirenses recebera um passe de Azevedo, dominando, depois, Paula e Miguel Arcanjo antes de atirar à baliza.

2.ª parte: 1-1 — Golo de IVAN, aos 8 m., em pontapé executado sem oposição, e dentro já da área de rigor. O médio portista surgiu sòzinho, em desmarcação muito oportuna, e rematou com força e colocação, rente ao solo.

*

Longe de ser aquela poderosa turma de há três ou quatro épocas, o F. C. do Porto não se encontra, também, tão mal como se pretende fazer acreditar. O seu onze continua a formar um conjunto poderoso, com fortes credenciais na luta pelo título.

Por seu turno, o Beira-Mar estreou-se auspiciosamente, produzindo exibição de mérito inegável, sobretudo se tivermos bem presente que estamos no início da época.

*

A partida jogou-se sob calor em excesso — factor que viria a condicionar a quebra física de alguns futebolistas, com reflexo imediato na qualidade do *association* que passou a praticar-se, pois ambas as turmas actuaram em ritmo veloz, em deliberada toada de ataque, numa disposição ofensiva que valorizou permanentemente o espectáculo oferecido à multidão que invadiu o

Continua na página 7

FUTEBOL

«apadrinhando» a estreia

Assinalando o ingresso dos beiramarenses na I Divisão Nacional, o Futebol Clube do Porto, em nobilitante gesto, ofertou ao Beira-Mar um galhardete comemorativo do jogo que, no domingo, marcou a estreia dos aveirenses na prova máxima.

A gravura reproduz o momento em que «o mais internacional dos futebolistas internacionais portugueses», o capitão portista Virgílio, entregava o referido galhardete a Liberal, capitão do Beira-Mar.

O MELHOR em CAMPO

A Crítica foi unânime nas elogiosas referências à actividade desenvolvida por diversos futebolistas aveirenses. Mas, dentre todos, e em nosso critério, o que mais fulgiu foi **Paulino**. Por isso é que o escolhemos para inaugurar a presente secção, a que semanalmente contamos trazer um atleta do Beira-Mar.

ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL o próximo adversário do BEIRA-MAR

Na sua primeira saída, os aveirenses vão ao Campo da Tapadinha defrontar o Atlético Clube de Portugal.

Sem dúvida alguma deslocação difícil, se atendermos não só à tradicional dificuldade que os alcantarenses costumam opor aos seus antagonistas, mas também pelo bom momento da sua equipa, moralizada e mentalizada, confirmando em Guimarães tudo quanto dela antes se escrevera.

Com uma defesa já de tradição bastante dura e «agressiva», julgamos, no entanto, que a maior força dos alcantarenses reside na sua linha de ataque, formada por elementos de comprovada valia, muitos dos quais ainda na época finda constituíam as reservas dos campeões da Europa! A comandá-los encontra-se a experiência e classe de Carlos Alberto, o «armador» brasileiro sobejamente conhecido de todos os desportistas.

Pelo que vimos ao Beira-Mar frente ao F. C. do Porto, a equipa mostrou poder e força, jogando de igual para igual, equilibrando e discutindo até ao último minuto uma partida teórica e antecipadamente perdida, segundo o ponto de vista

Continua na página 7

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO da prova

No primeiro dia do Campeonato Nacional da I Divisão, foram vários os desfechos que contrariam a «lógica» dos prognosticadores, arreliando sobremaneira quantos sonhavam triunfar no Totobola. Dentre todos os resultados a que aludimos, o mais sensacional foi o que os alentejanos alcançaram em Alvalade, forçando o Sporting a uma igualdade. Para além do Lusitano, também se evidenciaram, com vitórias fora, Atlético, Benfica e Académica; outro visitante que não perdeu foi o F. C. do Porto, que empatou em Aveiro.

Resultados gerais:

Olhanense, 1 — Covilhã, 0
Salgueiros, 1 — Académica, 2
Leixões, 1 — Benfica, 2
Sporting, 0 — Lusitano, 0
Beira-Mar, 1 — Porto, 1
Guimarães, 1 — Atlético, 3
Belenenses, 5 — C. U. F., 1

O encontro disputado em Aveiro teve uma receita de 124 750$00 — da qual virão a caber cerca de 52 contos aos beiramarenses e cerca de 35 contos aos portistas.

AMANHÃ, o torneio prossegue, efectuando-se os desafios Covilhã — Belenenses, Académica — Olhanense, Benfica — Salgueiros, Lusitano — Leixões, Porto—Sporting, Atlético — Beira-Mar e C. U. F — Guimarães.

Os jogos principiam às 15 horas. No prélio entre alcantarenses e beiramarenses actuará uma equipa de árbitros de Setúbal chefiada por Inácio Tereso. O juiz de campo aveirense José Porfírio dirigirá o encontro Porto—Sporting.

POR incidentes verificados no jogo Salgueiros — Académica, a Federação Portuguesa de Futebol aplicou os seguintes castigos ao encarnados do Norte: multa de 250$00 e interdição do campo por um desafio oficial.

Festival Náutico da Ria de Aveiro

A Secção de Natação do Sport Clube Beira-Mar, com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo de Aveiro, da Federação Portuguesa de Natação e do LITORAL, levou a efeito, no pretérito domingo, o Festival Náutico da Ria de Aveiro, que nestas colunas nos mereceu repetidos apontamentos a anunciar a sua realização.

O número de maior cartel do programa — a VI Meia-Milha da Ria de Aveiro —, principalmente, concitou enorme interesse e assinalou o reatar de uma competição de muitas tradições. Daí que o público acorreu em elevado número, ao longo de todo o percurso, em mancha compacta, desde a meta de partida (no Canal Central) até à meta de chegada (junto das Pirâmides).

Para além de deficiências surgidas nas competições complementares e das quais nenhumas culpas couberam aos organizadores — poderá referir-se que o festival constituiu um êxito, muito prestigiando Aveiro e o Beira-Mar.

● Na VI Meia-Milha da Ria de Aveiro registou-se uma novidade — a presença de nadadoras, o que levou o júri da prova a estabelecer duas classificações individuais. que ficaram assim ordenadas:

Senhoras

1.ª - Maria Luísa Bessone Basto, Algés; 2.ª - Maria Olga Noronha, Fluvial; 3.ª - Maria de Fátima Baldaia Casimiro, Fluvial; 4.ª - Maria Aldina Lima, Fluvial.

Homens

1.º - Eduardo José de Sousa, Algés; 2.º - António Bessone Basto, Algés; 3.º - Herlander Felga Ribeiro, Algés; 4.º - Luís Vaz Jorge, Algés; 5.º - Abel Vaz Pinto, Porto; 6.º - António Antunes Moutinho, Fluvial; 7.º - José Pedro Figueiredo, Algés e Águeda; 8.º - António Maria Pereira, Porto; 10.º - Fernando Santos Pinho, Algés e Águeda; 11.º Fernando Gonçalves de Sousa, Porto; 12.º - Luís Ferreira de Carvalho, Beira-Mar; 13.º - Mário Cândido Rebelo, Fluvial; 14.º - Luís Pereira de Sousa, Fluvial; 15.º - Custódio Ferreira de Barros, Fluvial; 16.º - Jorge Rodrigues Figueiredo, Algés e Águeda; 17.º - Carlos Alberto dos Santos, Algés e Águeda; 18.º - Vasco Naia, Beira Mar; 19.º - Eduardo Raposo Rodrigues de Sousa, Beira-Mar; 20.º - Álvaro Jorge da Silva, Beira-Mar; 21.º - Francisco Manuel Rebocho Christo, Beira-Mar.

Colectivamente, a classificação estabeleceu-se na seguinte ordem:

1.º - Algés, 6 pontos; 2.º - F. C. do Porto, 25; 3.º - Fluvial, 33; 4.º - Algés e Águeda, 33; 5.º - Beira-Mar, 38.

● Antecedendo a Meia-Milha, realizou-se uma prova complementar de natação — 100 metros, para infantis — apurando-se este resultado:

1.º - António Carlos Carvalho Ferreira, Beira-Mar; 2.º - António Celestino Neto, Algés e Águeda; 3.º - Manuel Jesus Carvalho, Beira-Mar; 4.º - Francisco Manuel Simões, Algés e Águeda; 5.º - João Manuel Lopes, Beira-Mar; 6.º - Manuel Maia Gomes, Beira-Mar; 7.º - Carlos Carvalho Coelho, Beira-Mar; 8.º - Jorge Manuel Jesus Duarte, Beira-Mar.

● Finalizando o festival efectuaram-se corridas de bateiras movidas a pás, que, infelizmente, não tiveram o brilhantismo previsto.

Inesperadamente, faltou uma das tripulações mas-

Continua na página 7

Voltará para Aveiro o argentino GARCIA?

Na turma beiramarense que conquistou no ano findo o Campeonato Nacional da II Divisão, muito se distinguiu o dianteiro argentino RUBEN EMIR GARCIA que esta época sensacionalmente se pretendeu transferir para Itália, a fim de ingressar no Palermo.

Por dificuldades agora surgidas na inscrição de Garcia naquele clube transalpino, o conhecido futebolista deve regressar a Portugal.

Afirma-se que o Sporting está bastante interessado em assegurar o concurso de Garcia — cuja transferência, à face da lei vigente, teria que ser efectuada até hoje.

Mas, ao que sabemos de fonte bem autorizada, aguarda-se a todo o momento o regresso de Garcia a Aveiro, pois o futebolista encontra-se inscrito pelo Beira-Mar e comprometeu-se com a Direcção do popular Clube a continuar ao seu serviço no caso de não se transferir para qualquer grupo estrangeiro.

VENCEDORES

Como se esperava, os excelentes nadadores do Sport Algés e Dàfundo conquistaram um êxito total na VI Meia-Milha da Ria de Aveiro — ganhando, destacadamente, os melhores lugares da aludida prova.

Na gravura, vemos os valorosos nadadores lisboetas, que são os mais categorizados praticantes da modalidade no nosso País de todos os tempos, com os valiosos prémios que alcançaram nesta cidade.